



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

20 | 2017

Ponto Urbe 20

Como praticar etnografia nas margens e fronteiras das cidades?

Caterine Reginensi



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3381>

DOI: 10.4000/pontourbe.3381

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Caterine Reginensi, « Como praticar etnografia nas margens e fronteiras das cidades? », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3381> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3381

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Como praticar etnografia nas margens e fronteiras das cidades?

Caterine Reginensi

Introdução

- 1 Pouco a pouco, o conceito de margens, revisitando meus campos de pesquisas e praticando uma nova etnografia, foi determinante. Assim, optei por partir de uma definição ampla das margens como situações que apartam e até excluem diversos sujeitos. As margens se constroem na relação e na tensão entre formal/ informal, poderes/ contrapoderes e entre reconhecimento e negação.
- 2 As cidades brasileiras, mas também latino-americanas ou africanas, representam figuras emblemáticas das margens: extensões urbanas, explosão demográfica, combinadas com desigualdades e profusão de áreas fragmentadas (Sierra, Tadie, 2008). As margens urbanas devem ser entendidas como uma construção espacial e social que proporciona melhor compreensão do desenvolvimento urbano. As margens remetem a outros conceitos, tais como interstícios, fronteiras, periferias. Mas não podem ser reduzidas a um ou outro. Nas pesquisas realizadas na Guiana Francesa e no Amapá, utilizarei mais o conceito de fronteira para mostrar como esse conceito proposto pelos Estados, na realidade é feito de espaços porosos que os indivíduos contornam continuamente. Nos espaços físicos e simbólicos de uma metrópole como o Rio de Janeiro e até de uma cidade média como Campos dos Goytacazes, o conceito de margem parece mais pertinente. De fato, as margens revelam muito mais do que o conceito de periferia. As margens podem ser constituídas de populações em movimento, ligando vários bairros ou trechos de cidade, como por exemplo, nas pesquisas com meninos de rua (Morelle, 2008), com camelôs (Reginensi, 2012), com músicos ou artistas nos campos de refugiados na Palestina (Puig, 2008, Dias, 2013). Porém, as margens não se reduzem ao desvio ou a marginalidade, podem ser definidas como um outro mundo muitas vezes combatido mas tolerado, porque participa de fato da existência da sociedade urbana.

- 3 O artigo apresenta duas etapas do meu percurso de antropóloga estudando as fronteiras e as margens urbanas: uma compõe uma parte sobre encontros nas fronteiras e nas margens e a segunda discute a forma como venho trabalhando, ao longo do tempo, o conceito de margens.
- 4 Dos momentos marcantes do trabalho que desenvolvia em vários campos de pesquisa, devem ser destacados:
- 5 Uma abordagem etnográfica que une os diferentes campos de pesquisa das cidades amazônicas até a metrópole do Rio de Janeiro e a cidade de Campos dos Goytacazes, na região Norte Fluminense.
- 6 Uma hipótese retrabalhada de forma constante: a análise das fronteiras e margens é baseada nas leituras que os moradores fazem sobre o local em que vivem, incluindo tanto as condições de sua estrutura física como a dinâmica de organização interna do espaço. E essas leituras estão fortemente relacionadas com suas trajetórias de vida.
- 7 Uma metodologia híbrida que revela a escolha da pesquisadora tentando traduzir as necessárias adaptações para entrar no campo e construir, ao longo do tempo, um referencial teórico metodológico que possibilitou interpretar os movimentos das populações das margens.
- 8 As pesquisas nas cidades amazônicas e Recife foram realizadas entre 1995 e 2003. A partir de 2002, a metrópole do Rio de Janeiro foi o meu principal campo de pesquisa. E desde 2014, como pesquisadora visitante, a cidade de Campos dos Goytacazes torna-se um lugar para aprofundar a questão das margens. Na construção do meu olhar, entre teoria, metodologia e extensão, a influência científica de diversos grupos de pesquisa foi determinante¹. Na cidade de St. Laurent du Maroni, na Guiana Francesa, em Macapá e Belém, cidades brasileiras amazônicas, explorei a porosidade das fronteiras, onde migrantes foram identificados como microempreendedores, sublinhando suas práticas de mobilidade que permitiram uma consolidação de suas redes sociais (Reginensi, 1996, 2005, 2012). Na metrópole do Rio de Janeiro, a partir da figura dos camelôs nas ruas, praças e praias desta cidade, tentei revelar os conflitos pelo uso do espaço urbano e a complexidade da noção de margens (Bautès e Reginensi, 2008, Reginensi, 2012). Por fim, na última pesquisa², a partir do estudo das trajetórias de vida de moradores de favela da cidade de Campos dos Goytacazes, tentei analisar e interpretar uma leitura dessas trajetórias e territórios, através do prisma das margens e a pesquisa tencionou inserir três momentos-chaves : entrar nas margens, o significado de morar nas margens e atuar nessas margens (Reginensi, 2015: 28-30).

Encontros nas fronteiras e nas margens

St. Laurent du Maroni /Guiana Francesa, fronteira com Suriname,
1997



FIGURA 1. St. Laurent du Maroni, o rio /fronteira, ao fundo Albina, cidade surinamesa , créditos CReginensi, 1997

- 9 Conheci Sammy em 1997, em St. Laurent du Maroni, na Guiana Francesa. Marcamos encontro no final da tarde, na beira do rio. Ele estava com 19 anos. Acabara de ganhar a nacionalidade francesa. Definiu-se como Djuka³. Em 1986, seus pais fugiram da guerra civil no Suriname. Apesar de ter nascido em Albina, Suriname, Sammy sente-se em casa em St. Laurent, onde os membros da sua família se instalaram bem antes da guerra civil. Desde sua infância, acostumou-se a atravessar o rio de canoa, para visitar os seus inúmeros primos. Mais tarde, quando a agitação na fronteira diminuir, ele vai retomar a canoa para acompanhar a mãe, que vende na feira de produtos de Suriname. O rapaz vive em uma pequena casa de madeira, barraco construído por seu pai e tios, localizado em uma vila espontânea, que existia no período do encontro. Essas vilas, assentamentos informais, construídas principalmente sobre palafitas ao longo do Maroni, serão erradicadas e seus habitantes realocados em áreas já definidas, por toda a cidade. Sammy não vai frequentar a escola, mas o suficiente para conhecer pessoas e criar, para além da sua rede familiar, outros relacionamentos. Ele também vai saber como negociar um dispositivo de treinamento como parte dos agentes da política da cidade. Assim, em torno do Maroni existem várias oportunidades para desenvolver uma atividade econômica. Sammy considerava-se um *wakaman*⁴.

Laranjal do Jarí, Amapá, fronteira com o Pará, 1999



FIGURA 2. Desde Laranjal , vista da fábrica de celulose, créditos C.Reginensi, agosto de 1998

- 10 Paulo, vendedor de sorvetes, me levou até o rio Jari “o desastre”, como ele chamava a fábrica de celulose instalada na cidade vizinha, no Estado do Pará, e que polui a cidade e o rio. Paulo chegou aos 3 anos, com a mãe e dois irmãos, no “beiradão”, imensa favela que hospedou muitas famílias cujos membros trabalhavam na usina. Foi o caso de o tio materno dele. Lembrava das condições do barraco, quando criança, e da dificuldade para circular na favela de palafitas. Também comentou as melhorias no lugar, como a instalação de passarelas de madeira de boa qualidade, facilitando o acesso ao bairro e melhorando a imagem do bairro. Assim, sentia-se orgulhoso de dar seu endereço e receber amigos, embora reconhecendo que o bairro continua isolado pois mal atendido pelo transporte ou ainda por ser um lugar onde ocorre tráfico de drogas e prostituição.

Caiena, Macapá, Belém e Recife: bairros na fronteira da cidade, 1998, 2001, 2002



FIGURA 3. Cabassou, entrada da aldeia brasileira, créditos C.Reginensi, 2001

- 11 Percebi umas caixas postais na curva de uma estrada na saída do município de Rémire Montjoly em direção a Caiena; isto foi num domingo, quando um jovem brasileiro me pediu carona depois de ter assistido a uma festa de aniversário de amigos comuns. Não tinha encontro marcado mas descobri a "vila brasileira", BP 134, ou Cabassou: vários nomes para o mesmo lugar, de acordo com quem se fala: os moradores chamam o lugar de Cabassou, me diz o rapaz, e mais tarde descobriria que o poder público chamava o lugar de BP 134 ou vila brasileira. Entramos pela "Avenida", pequena rua de terra batida, terra vermelha da Guiana. Uma grande variedade de casas se espalhava, crianças brincavam e gritavam. Prometi voltar. E dois anos depois, Zélia, moradora do local e participante de uma associação de mulheres, me convidou à sua casa. Ela foi me esperar na entrada da avenida, e antes de chegar em casa, paramos na Suzanna, outra mulher da associação *Dynameta*. As duas falaram das suas trajetórias no Brasil até chegar à Guiana. A primeira insistiu na autoconstrução da casa, na parte mais precária do bairro e no medo de ser removida, mais tarde falou do seu projeto de organizar um grupo de costureiras e de criar sua empresa. A segunda, considerou que já tinha a sua empresa montada, informalmente: fabrica salgados na sua cozinha e vende na cidade inteira. A casa dela é grande, a cozinha organizada para preparar os salgadinhos e outras comidas que o marido muitas vezes vai vender porque ela está aprendendo a dirigir e vai de bicicleta, mas quando chove não dá para ir até Caiena.

Macapá, bairro de Perpétuo Socorro

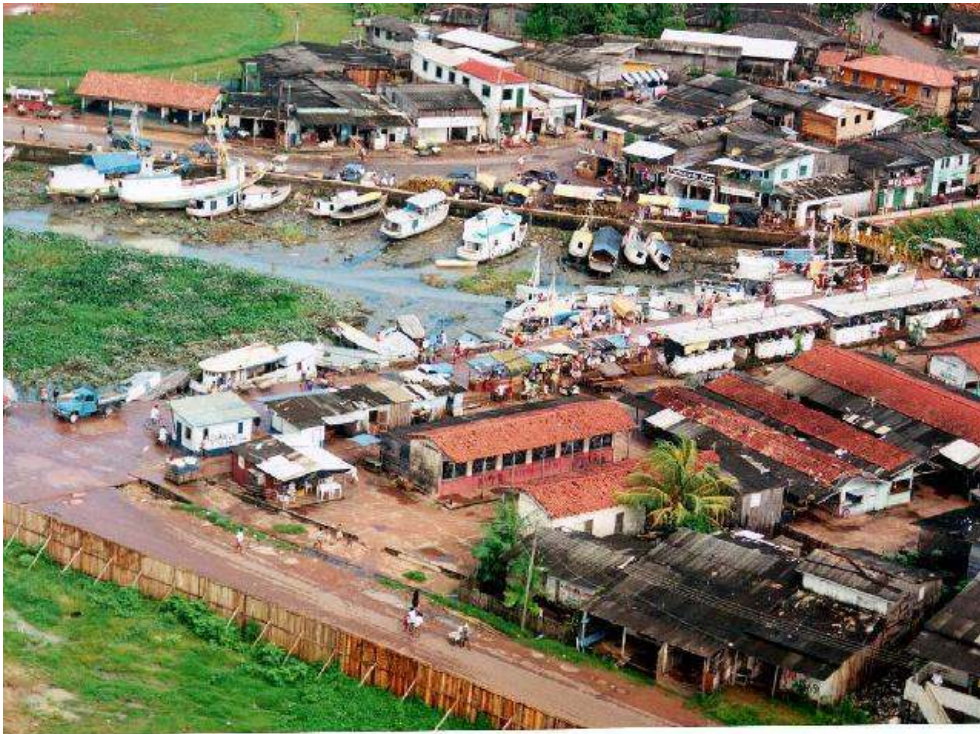


FIGURA 4. O canal, as casas, o mercado de peixe; créditos C.Reginensi, agosto de 1998

- 12 Eliana vendia água de coco na praça Zagury e morava no bairro de Perpétuo Socorro. Depois de falar várias vezes com ela nos finais da tarde, aceitou me levar para visitar o seu bairro, lá depois do canal como ela dizia, outras pessoas e muitas dificuldades: sem água, sem luz, mas melhorou um pouco: "mas tudo demorado, tudo entupido, muitas vezes no período da chuva, a vida é complicada, aqui !". Apesar de tudo isso, ela vendia cada dia e quando chovia muito, ficava em casa e preparava doces e ia vender com sua cunhada em outros bairros de Macapá. O marido era carpinteiro e tinha um bom emprego. Os dois filhos estudavam. Esperava poder consolidar a casa, arrumar o quintal e desenvolver uma atividade de agricultura familiar.

Recife, na favela de Caranguejo/Tabaiães



FIGURA 5. O canal que separa as duas favelas, créditos CReginensi, abril de 2001

- 13 Maria marcava sempre encontro comigo na casa dela, não muito longe da entrada da favela de Caranguejo. Depois de várias visitas, uma manhã levou-me para trás do canal. Dizia que do outro lado do canal eram "outras pessoas", "outro lugar", invasões mais recentes. Não conhecia ninguém lá, mas observando comigo as casas, disse que provavelmente as pessoas fizeram como ela e o seu marido, ou seja, montaram uma barraca e depois, juntando um dinheiro para comprar tijolos, consolidaram a casa.

Belém do Pará, avenida Barroso

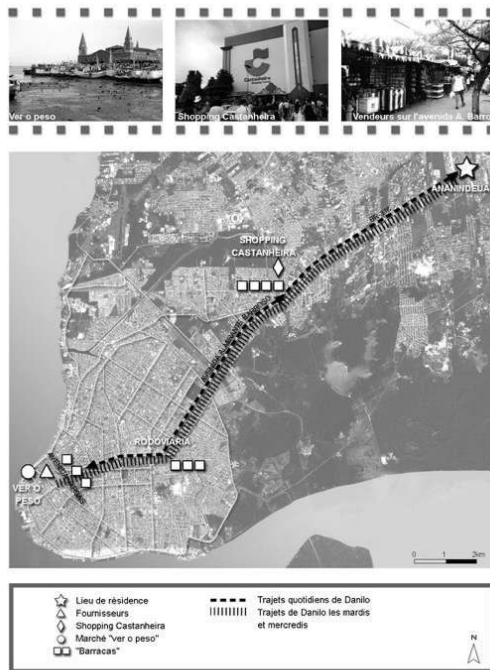


FIGURA 6. Os trajetos do Danilo durante a semana, montagem Sarah Wickenburg com créditos das fotos, CReginensi, 2002/2007

- 14 Da rua onde morei durante mais de um mês, ia todos os dias observar os vendedores ambulantes na avenida Barroso, perto do Shopping Castanheira. Foi num desses dias que conheci Danilo, que falou da avenida como uma fronteira. Conforme a fala dele, os vendedores desse lado da avenida tinham barracas, negociavam com a prefeitura, do outro lado eram vendedores mais ocasionais ou alguns que trabalhavam no meio de trânsito. Colocou também a questão da fronteira quando me falou de onde morava: Ananindeua, que caracterizou como bairro periférico de Belém. Danilo tomava conta de um total de dez barracas padronizadas: quatro nessa avenida onde marcava encontros, três perto da rodoviária e outras três, no centro de Belém, na avenida Presidente Vargas. Todos os dias, de manhã, ia de carro da sua residência até cada barraca, e de tarde ficava numa barraca da avenida Barroso onde vendia relógios. Às terças e/ou quartas-feiras, o ritmo era diferente. Ao chegar perto do centro, ia pelas ruas arredores do mercado Ver-o-Peso e comprava nos atacadistas para, depois, colocar a mercadoria nas barracas. Nas nossas conversas nunca quis falar da prefeitura, das negociações; quem cuidava dessa parte do negócio eram a mãe e o tio.

Rio de Janeiro, encontros na praia de Copacabana, entre Posto 5 e 6, uma etnografia dos prestadores de serviços⁵.

- 15 Das minhas caminhadas, na Orla de Copacabana ao final do dia e de noite, observei que vendedores de milho, tapioca, pipoca, com carrocinha e alguns barraqueiros chegavam a pé, descendo da favela do Pavão em direção da praia. Um desses vendedor comentou:

(...) nós do morro temos a vista mais linda ...mas sempre em tensão ...entre o tráfico e a polícia ...às vezes não consigo subir então, espero aqui embaixo...(João,vendedor de milho).



FIGURA 7. Vendedor de milho no Posto 5, morador do Pavão. Créditos CReginensi, 10-01-2010

- 16 De dia observando o movimento intenso dos camelôs na faixa de areia e no calçadão, entre os quiosques, percebi outras categorias em interação e fui ao encontro deles: massagistas, guardadores de carros (*flanelinhas*), locadores de bicicletas, especialistas em tatuagem, seguranças e apoio nos momentos dos eventos, passeadores de cachorros. Todos fazem parte da economia da praia e ressignificam os espaços do calçadão e da areia. Falaram do dia a dia do seu trabalho na Orla e das fronteiras entre os “outros” que podem ser os colegas da mesma profissão, os vizinhos moradores do morro, a polícia e tantos outros sujeitos com quem interagem, na praia de Copacabana, cartão postal da cidade....

(...) vou te contar um caso: A pessoa passa por aqui e pergunta, quanto? Trinta reais trinta minutos vão supor o colega que tá lá na frente já viu que passou por aqui, quando vai aquela pessoa perguntar lá, quanto a massagem? Vinte.(..) o maior problema é colega..(Ernandez, Massagista).



FIGURA 8. Massagista na praia, Posto 5. créditos CReginensi, 16-02-2010

- 17 Incluí, nas observações e entrevistas, os escultores de areia e artistas diversos como atores que constroem a praia como cenário alternativo e de culturas híbridas (Canclini, 1997, Reginensi, 2013):

(...) porque aqui você tem que fazer a boa política da boa vizinhança.... você nem imagina o que aconteceu aqui...(Bira, escultor de areia)



FIGURA 9. Bira Escultor, fotografando turistas. Créditos CReginensi, 30-05-2010

- 18 Essas histórias recolhidas, em tempos e cidades diferenciadas, falam da fronteira. Fronteiras físicas, geográficas que separam e unem os homens e as mulheres que as atravessam. A fronteira no caso da Guiana desempenha um papel de espaço transicional de trocas diversas e, na realidade do cotidiano dos habitantes, vem abolir a fronteira estabelecida pelos Estados. Os canais ou estradas parecem dividir e separar quando, de fato, a porosidade entre um espaço e outro é muito grande. As pessoas criam suas rotinas e, da construção da casa às atividades de comércio (que podem ser desenvolvidas na própria casa), organizam um território usado e vivenciado pelos indivíduos para retomar a fala de Milton Santos (2000) sobre o território que deve ser considerado como a base do trabalho, da casa, de trocas materiais e espirituais da vida. Uma combinação sutil "água/urbanização" se desenvolve nas cidades da Guiana Francesa, do Amapá, do Pará e até no Recife. À beira do rio, os mais jovens brincam, pulam na água, outros lavam louça, pescam ou consolidam as palafitas.
- 19 Na metrópole do Rio de Janeiro, tentei melhor definir a relação entre economia da praia e a proximidade dos morros e do "asfalto", no mesmo espaço urbano. As trajetórias de moradia e de trabalho se misturam e revelam fronteiras de diferenciação no mesmo lugar chamado favela ou praia. As formas de morar e de trabalhar são marcadas pelo provisório: mudanças, separações, mortes de familiares, realojamentos, remoções perpassam a vida dos sujeitos, apesar de transformações do ponto de vista urbanístico, "o viver em risco" perdura (Kowarick, 2009). Alguns desenvolvem trajetórias de empreendedores do comércio da praia em um jogo sutil entre formal/informal, legal/ilegal (Reginensi, 2012, Telles e Hirata, 2007).

Das fronteiras às margens

Como recolhi as histórias?

- 20 1) Uma leitura das fronteiras das cidades amazônicas até Recife.
- 21 Na Guiana Francesa, o ponto de partida do meu trabalho de pesquisa foi a análise das estratégias residenciais e de trocas (materiais e simbólicas) que as populações compartilham, deslocando-se continuamente nesta região. O conjunto de trocas insere-se tanto nos espaços da moradia, como nas beiras dos rios: a Oeste, o rio Maroni (fronteira com o Suriname) e a Leste, o rio Oiapoque, fronteira com o Brasil (Estado do Amapá). Uma primeira pesquisa de campo (1995-1998) construiu-se na região Oeste da Guiana. Trabalhei com a noção de "bricolagem" (BASTIDE, 1970) para melhor entender como populações oriundas de fluxos migratórios tecem laços e mantêm uma coesão como grupo social. Depois percebi que essa bricolagem que varia conforme a trajetória do indivíduo podia ser mais ou menos interessante para aprofundar o papel e a posição que ocupava na sociedade que lhe oferecia hospitalidade. A teoria da transação social (Remy, 1991) inspirada da ecologia social da escola de Chicago (Graffmeyer e Joseph, 1984), foi uma perspectiva estimulante para navegar no mundo complexo da Guiana, entre tradição e modernidade. Finalmente, as pesquisas de Clyde Mitchell (1969) que evidenciam a forma como novas normas surgem no meio urbano e como essas normas se propagam através das redes de relações me levaram ao interesse pela análise de redes.
- 22 As estratégias de deslocamento na Guiana surgiram como recursos: das aldeias do rio Maroni, ao assentamento espontâneo em St. Laurent du Maroni até o realojamento em um

assentamento planejado em St.Laurent e na cidade de Kourou, as populações organizam-se através das suas redes relacionais e desenvolvem uma microatividade econômica nesses espaços. Espaços urbanos localizados frequentemente de forma mal articulada à cidade, ou localizados nos interstícios da cidade colonial, são os espaços "visíveis" destas trocas informais.

- 23 A minha preocupação foi associar o conceito de "territórios circulatorios"⁶ (Tarrius, 1993) com o de redes sociais (Granovetter, 1973). Estas últimas, de certa forma, participam de um processo de socialização da vida urbana. Neste sentido, pude perceber que as populações instauram estratégias para ter acesso à cidade: "querem a cidade" (Reginensi, 1996). Neste processo, que aparece como uma constante destes atores que se chamam de businessmen ou de wakaman, o saber, aquele que determina claramente os sucessos comerciais, é o conhecimento circular. E de certa forma, a afirmação de que "um poder nômade sobre o poder sedentário que se manifesta pelo conhecimento dos caminhos que atraem homens e riquezas, é o poder de ser ignorante ou de contornar tudo que faz fronteira." (Tarrius, 1997:102).
- 24 Trabalhei com as redes de diálogo que eles construíram ao longo do tempo, ou seja, para entrar no "business" faziam um pequeno estudo de mercado falando com pessoas-chaves da sua família, da vizinhança e dos órgãos da prefeitura ou do Governo (política da cidade).
- 25 Do Amapá até o Recife, passando por Belém, através de uma pergunta: "Como vejo a minha cidade, o meu bairro, minha casa," deixei expressar-se a heterogeneidade dos destinos, as diferentes formas de estar e viver na cidade. O jeito que permite de traduzir pedaços de vidas e de cidades, segundo Michel Agier (1999). As observações repetidas e o registro fotográfico foram os métodos mais utilizados. Com ajuda de colegas, foram realizadas algumas entrevistas. Explorei temas como fios condutores da conversa:
- 26 *A cidade, o bairro*: a sua instalação no bairro onde mora no momento da entrevista e o relato de diferentes mudanças na sua trajetória de vida, como chama o seu bairro, qual é sua a relação com o centro da cidade, com o rio, com outras áreas do bairro e da cidade, de que lugares gostam ou não gostam e por quê.
- 27 *Relações*: entre vizinhos, família, amigos, outros relacionamentos; frequência, tipo de relação: quem ajuda e por quê? Onde e como acontecem as trocas?
- 28 *Dados sobre o indivíduo*: sexo, idade, nível de estudo, trabalho atual e descrição de uma jornada de trabalho.
- 29 Assim, resgatei depoimentos de três grupos de migrantes: 1) Nascidos e criados na cidade onde moram no momento da entrevista, 2) Nascidos em outro lugar e criados na cidade atual, 3) Nascidos e criados em outro lugar e chegados na cidade atual há menos de 5 anos.
- 30 2)As margens da cidade e do Estado na metrópole do Rio de Janeiro e em Campos do Goytacazes
- 31 Mais recentemente, na metrópole do Rio de Janeiro e atualmente na cidade, de meio porte, de Campos dos Goytacazes, norte fluminense, voltei a me interessar pela construção das margens.
- 32 Com os colegas do Núcleo FACI (Gomes et al. 2006), antes de propor uma análise crítica dos programas e políticas habitacionais, partimos de uma leitura das favelas como territórios da cidade que guardam um sentido de "lugar" (De Certeau, 1994). Assim no

âmbito da cidade, o uso do espaço da favela é uma modalidade, é uma "maneira de fazer". A partir dessa conceituação, as favelas devem ser pensadas como uma porta de entrada para os mais pobres (Abramo, 2009), e como territórios construídos nas relações sociais, materiais e simbólicas são estabelecidas entre e pelos indivíduos/grupos sociais. Assim, o território das favelas gera práticas sociais, a vinculação do indivíduo e do grupo com o seu meio, operando de acordo com a cultura de cada grupo. E, as "fronteiras" entre "nós" e os "outros" acabam não tendo limites tão marcados na realidade cotidiana. Retomando a proposta de Frederick Barth (1999) as estruturas mais significativas da cultura – "ou seja, aquelas que mais consequências sistemáticas têm para os atos e relações das pessoas – talvez não estejam em suas formas, mas sim em sua distribuição e padrões de não compartilhamento". O que ele quer dizer é que podem ser vistos diferentes jogos de poder e desigualdades que caracterizam a cultura – no seu desenrolar cotidiano e nas institucionalizações de suas formas. Olhei para as favelas e a praia observando toda sorte de símbolos produzidos ali como um espaço de trocas, não apenas econômicas como também simbólicas, onde a cultura e as práticas se dão de maneira relacional a partir do trânsito dos indivíduos entre os diversos universos discursivos que se interagem no território e fora dele (Reginensi, 2012).

- 33 Nestes anos de pesquisas etnográficas considerei que a metáfora da fronteira era interessante como categoria analítica, como "forma privilegiada de sociabilidade" (Sousa Santos, 2001).
- 34 Por fim, o conceito de fronteira implica uma luta e uma negociação com a autoridade, com o poder público para conseguir ou afirmar sua legitimidade. A fronteira física e simbólica deve ser relativizada, viver na fronteira deve ser experimentado como "viver nas margens sem viver uma vida marginal" (De Sousa Santos, op.cit. p.353 e Boutes, Reginensi, op.cit.), propósito que experimentei com vários atores da economia da praia ou da floresta, na metrópole do Rio de Janeiro. Os moradores, encontrados a partir dessas pesquisas etnográficas, criam um cenário que pode ser analisado como uma arena pública (Cefai, 2007), e o estudo das suas trajetórias como ação coletiva, permite o debate sobre as fronteiras ou margens da política contemporânea no Brasil (Feltran, 2010). Assim, os sujeitos utilizam-se, de forma seletiva, das tradições, das origens, sabem mobilizar oportunidades e mudar de estatuto. Segundo Feltran (op.cit.) a pressuposição da desigualdade que atravessa os espaços, obriga a se repensar continuamente a ação política. E a política, nestes contextos (favelas ou periferias), pressupõe um conflito anterior que tem origem no tecido social e pela definição de quem são os grupos sociais legítimos. Isto vem retomar a proposta de Jacques Rancière (1995) segundo quem a política é, em primeiro lugar, um cenário de conflitos⁷. No texto de Gabriel Feltran (op.cit.: 228), a noção de margem como categoria analítica deve ser trabalhada para auxiliar a demarcação das clivagens entre periferias e política ou das margens da política. A metáfora da fronteira é interessante porque, ao mesmo tempo, "em que denota uma separação, a noção preserva a possibilidade de fluxos, controlados, entre as parcelas separadas".
- 35 Conforme Das e Poole (2004) as margens se referem a três definições: as margens da *igualdade* oficial, as margens da *legibilidade* estatal (referência à burocracia escrita) e as margens da *normalidade* como espaço entre os corpos, a lei e a disciplina (referência ao "biopoder" de Michel Foucault).
- 36 Assim a partir da construção desse referencial teórico metodológico essas perguntas foram destacadas: Quem reside hoje nas margens da cidade? Como abordar as cidades

através das margens, estudando a organização, a evolução no longo do tempo, e como interferem nas lógicas de poder?

- 37 Afim de trabalhar esse questionamento a utilização de uma metodologia híbrida contemplou vários universos, usando a analogia ou/e ou desvio. A questão da escolha dos métodos deve ser abordada em término de complementaridade. As pesquisas etnográficas que desenvolvi e continuo desenvolvendo visam prestar um olhar mais atento às experiências de vida dos próprios indivíduos; assim a metodologia integra uma parte devolutiva da pesquisa. Na pesquisa visitante de 2009/2010, no Rio de Janeiro, a prática do desvio foi no centro da etnografia: do lado a praia de Copacabana e sua economia e do outro uma favela escondida, na floresta da Tijuca, cujos moradores desenvolvem um projeto de cooperativa e resistem à remoção. Os meus vai e vens da praia à floresta, e da floresta à praia, construíram a etnografia e vários dispositivos de devolução foram organizados: vídeos, mapa da memória⁸ elaborados a partir das entrevistas e de oficinas com os moradores.
- 38 Na pesquisa em Campos dos Goytacazes, as primeiras observações permitiram refletir sobre as margens como representação de um mundo social, onde as pessoas podem ser excluídas de recursos mas, ao mesmo tempo, podem tentar construir estratégias e lutar por uma vida melhor. E a metodologia incorporou uma fase de realização de oficinas que acabou construindo a parte devolutiva da pesquisa (Reginensi, 2015: 13-14).

Algumas considerações finais

- 39 Das cidades amazônicas à metrópole do Rio de Janeiro e à cidade de Campos dos Goytacazes, estudar as margens não significa descrever periferias ou favelas mas sim, assumir uma posição de pesquisadora "em movimento" que analisa situações de fazer e inventar a cidade (Agier, op.cit.), experiências que revelam dinâmicas urbanas (Das, Poole, op.cit; Hatzfeld e als, 1998).
- 40 Minha abordagem é tanto relacional como abrangente, com base empírica. Ela visa desconstruir e analisar a polarização social das lógicas que estão em jogo.
- 41 Empiricamente, essa polarização gerou efeitos de encobrimento das realidades vividas pelos atores das margens, ou seja, homogeneização de fato, grupo bastante disforme, composto por aqueles que poderiam ser geralmente chamados de "indesejáveis".
- 42 Nas cidades brasileiras, com o desenvolvimento como pano de fundo, as parcerias público/privado, o processo de urbanização e os dispositivos de acompanhamento dos moradores levam à produção de um discurso que reza: nós providenciamos as condições para a integração e a promoção do maior número de pessoas, sendo que aqueles que ainda estão às margens devem ser considerados como responsáveis pela sua situação. Eles se excluíram ativa ou voluntariamente. Portanto, podem ser vistos como "inimigos de dentro" que dificultam os esforços de desenvolvimento⁹. Isto leva ao que Gabriel Feltran chama de "política de confrontação" permanente entre traficantes e polícia, por exemplo. Essa política é uma das manifestações da polarização das sociedades urbanas que utiliza um vocabulário específico: guerra, paz, ocupação, pacificação.
- 43 De que maneira as pessoas sujeitas à lógica de discriminação ou de negação, renegociam a sua presença e a sua visibilidade no espaço urbano? Poderia ser uma pergunta a trabalhar melhor no futuro. Ela poderia ser tratada a partir de resistências subalternas¹⁰, insistindo sobre o sistema de valores que organizam (Roitman e Warnier, 2006). Modestamente,

tento na minha última pesquisa, estudar algumas trajetórias de vida de artistas que tentam melhorar sua vida e permitem uma abordagem da cidade e sua produção cultural, "o social e o cultural entrelaçados" (Rizek 2011/2014).

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Pedro. (org.). 2009. Favela e mercado informal: a nova porta de entrada dos pobres nas cidades brasileiras. São Paulo: ANTAC, v.1.
- AGIER, Michel. 1999. *L'invention de la ville : banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris: Editions des Archives contemporaines.
- BARTH, Frederick 1999. "Les groupes ethniques et leurs frontières" (trad. Bardolph J., Poutignat Ph., Streiff-Fenart J.), in Poutignat Ph., Streiff-Fenart J., *Théories de l'ethnicité*, Paris, PUF1999, : 213
- BASTIDE, Roger.1970. "Mémoire collective et sociologie du bricolage". *L'Année sociologique*, vol. 21, : 65-108.
- BAUTES, Nicolas., REGINENSI, Catherine. 2008. "La marge dans la métropole de Rio de Janeiro: de l'expression du désordre à la mobilisation de ressources" , *Revue Autrepart*, n°47, : 149-168,
- CEFAI, Daniel. 2007. Pourquoi se mobilise-t-on? Les théories de l'action collective. Paris: *Revue du MAUSS*,
- DAS, Veena., POOLE, Deborah. 2004. *Anthropology in the margins of the state*, New Delhi, Oxford University Press.
- DE CERTEAU. Michel.1994. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- DIAS, Amanda. 2013. *Aux marges de la ville et de l'état*, Paris: Karthala.
- FELTRAN, Gabriel.2010. "Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo". *Lua Nova*, São Paulo, 79: 201-233
- GRAMSCI, Antonio1978. *Carnets de prison*. Paris, Gallimard.
- HATZFELD Hélène., HATZFELD Marc., RINGART Nadja. 1998. *Quand la marge est créatrice. Les interstices urbains initiateurs d'emploi*. Paris, Editon de l'Aube.
- GOMES, Maria. Fatima. Cabral. Marques.; PELEGRINO, Ana, REGINENSI, Catherine. & FERNANDES, Lenise Lima. 2006. *Desigualdade e exclusão nas metrópoles brasileiras: alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: HP Comunicações & Arco-Íris.
- GRAFMEYER, Yves, JOSEPH, Isaac. 2004. *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris, Flammarion.
- GRANOVETTER, Mark.1973. "The strength of weak ties". *American Journal of Sociology*., Vol. 78, n° 6 , :1360-1380.
- KOWARICK, Luis. 2009. *Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34.

MITCHELL, J. Clyde. 1969. Social networks in urban situations. Analyses of personal relationships in Central African Towns, Manchester, University Press.

MORELLE, Marie, 2008. "Les enfants de la rue à Yaoundé (Cameroun) et Antananarivo (Madagascar) ", In: SIERRA, Alexis., TADIE., Jérôme., La ville face à ses marges. *Autrepart*, 1,45, :43-59

PETONNET, Colette.1982. "L'observation flottante : L'exemple d'un cimetière parisien ". *L'Homme XXII* (4):37-47.

PUIG, Nicolas.,2008. "Entre villes et camps: musiciens palestiniens au Liban". In: SIERRA ,Alexis., TADIE., Jérôme., La ville face à ses marges. *Autrepart*, 1,45, : 59-73

RANCIERE Jacques. 2005. A partilha do sensível. Estética e política. São Paulo, Editora 34.

_____ 2004. Aux bords du politique, Paris, Folio Gallimard.

REMY, Jean, VOYÉ Lilian., 1991. Ville. Ordre et violence. Formes spatiales et transaction sociale, Paris, PUF.

REGINENSI, Caterine. 1996. Vouloir la ville : du business à la citoyenneté en Guyane française. Montpellier : Editions de l'Espérou.

_____2005 "Une figure du territoire en mouvement : le vendeur ambulante transfrontalier en Amazonie", In Capron, Guénola. Cortès, Geneviève., Guétat-Bernard Hélène.(org). Lieux et liens de la mobilité : ces autres territoires. Capítulo 16. : 291-310, Paris: Editions Belin, collection Mappemonde

_____2012, A la rencontre des vendeurs ambulants et autres informels. Editions Universitaires Européennes.

_____2013, "Une ethnographie des expériences artistiques sur la plage de Copacabana (Rio de Janeiro) ", *Teoria e cultura*, Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF, Vol8/N.1, Dossiê-Nas cidades : antropologias em contextos urbanos contemporâneos. ISSN :2318-101X

_____2015 "Etnografia das margens da cidade: a Margem da Linha em Campos dos Goytacazes", revista *Terceiro Milênio*, vol.5, num2, Julho/Dezembro 2015:19-40 e introdução do dossiê sobre as margens: 13-19. Disponível em:<<http://www.revistaterceiromilenio.com.br>>

SIERRA ,Alexis., TADIE., Jérôme. 2008. La ville face à ses marges. *Autrepart*, 1,45.

SPIVAK, Gayatri. Chakravorty. 2010. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG

RIZEK, Cibele S. Projeto de pesquisa Bolsa Produtividade CNPq, em andamento – O social e o cultural entrelaçados –2011/2015

ROITMAN, Janet., Warnier, Jean-Pierre., 2006. "La politique de la valeur ". *Journal des africanistes* [En ligne], 76-1 | 2006, acesso em junho de 2014. URL : <http://africanistes.revues.org/201>

SANTOS, DE SOUSA Boaventura. 2001. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência* . Porto, Afrontamento.

SANTOS, Milton. 2000. Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record.

TARRIUS, Alain.1993. "Territoires circulatoires et espaces urbains", *Annales de la recherche urbaine*, nº59-60, :51-60.

_____ 1997. Fin de siècle incertaine, Perpignan, Editions Trabucaire.

TELES, Vera da Silva. HIRATA, Daniel. 2007. "Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito". In: *Estudos Avançados*, vol. 21, n. 61o : 173-191.

NOTAS

1. Minha integração, em 2000, num laboratório de pesquisa da Universidade Le Mirail, em Toulouse, cujos membros trabalhavam na América Latina, me permitiu revisitar meu objeto de estudo e ampliar a perspectiva etnográfica, compartilhando campos e reflexões com pesquisadores da sociologia e da geografia. Um ano depois de integrar este laboratório, associei-me como participante estrangeira ao Núcleo Favela e Cidadania da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACI/ESS/UFRJ), que já era parceiro do meu laboratório de Toulouse.
2. Pesquisadora visitante (PVE) CNPq, - 2014-2016 - convidada pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Uenf Darcy Ribeiro.
3. Bushinengues ou Negros são de origem africana, antigos escravos que fugiram das plantações da Guiana Holandesa antes da abolição da escravatura e se dispersaram pelo território das Guianas. Eles são compostos de várias etnias: Bonis, Djukas, Saramakas e Paramacas.
4. O *wakaman/homem que anda* é um jovem, de 15 a 30 anos de origem crioula, negra, indígena ou brasileira, que vive na região de Saint Laurent, mas também em outras cidades da Guiana, do Suriname. Reconhecem-se através de sinais, da linguagem, mas também pela roupa: tênis (da marca Nike), bonés, camisetas, calças, joias de ouro. Ouvem reggae, rap. As atividades deles concentram-se no setor urbano, Não têm carteira de identidade, seja qual for a sua nacionalidade. Sabem quem conserta um motor de carro, fabrica um barco ou onde encontrar as mercadorias as mais diversas: álcool, cigarros, e outros objetos possíveis de serem revendidos. Trabalham em função das oportunidades e estabelecem redes de contato. (trabalho de campo em 1997/1998)
5. Pesquisadora visitante da FAPERJ, no FACI /ESS/UFRJ, 2009-2010
6. Explorei três níveis de espaço-tempo da mobilidade: o primeiro contempla a migração ao longo da vida do indivíduo, dos pais dele, do interior do estado ou de outro estado até a cidade atual; o segundo é o da mobilidade residencial na mesma cidade, as diversas mudanças e, muitas vezes, considerando a construção da casa que nunca acaba; e o terceiro momento observado é a mobilidade do cotidiano, na procura de um trabalho ou exercendo uma atividade entre formal e informal.
7. Mas, além das fronteiras, a política deve ser entendida como reconfiguração do sensível e o princípio da igualdade deve ser priorizado. Esta reconfiguração, conforme Rancière (2004), corresponde também à inclusão no comum de novos sujeitos e de objetos inéditos, de maneira a permitir dar visibilidade àqueles que não se faziam visíveis, de modo a se fazer perceber como seres falantes. Essa inserção não é feita nem de uma vez por todas, nem de modo definitivo. .
8. Vídeo *Outro Rio*, acesso . <http://youtu.be/Lbq3sk1ZsE0> O mapa da memória, que tornou visíveis as casas e o nome dos seus ocupantes. <https://www.dropbox.com/s/elve5k679l6fr35/Mapa%20da%20Memoria.pdf?dl=0>
9. Tento resgatar aqui parte do debate do qual participaram Gabriel Feltran, Nicolas Bautès e Jérôme Tadié: Jornada de estudo Informalidade e política França / Brasil, Paris, 21e 22 de maio de 2014.
10. A noção de subalterno e resistência subalterna, conforme esses autores mas também a indiana Spivak (na tradução brasileira de Sandra Almeida e als. 2010, p.12) definem o sujeito subalterno como aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Por entanto, não significa que esse

subalterno não tem voz, que não resiste, conforme Jacques Rancière e a noção de “seres falantes”.

RESUMOS

O artigo visa debater a influência das margens no processo de urbanização das cidades a partir de alguns estudos de casos na Guiana Francesa, no Norte do Brasil (Macapá e Belém do Pará) e Nordeste (Recife-PE) colocados em perspectiva com trabalhos empíricos mais recentes desenvolvidos na metrópole do Rio de Janeiro, e numa cidade média do estado do Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes. Como abordar as cidades através das suas margens e como interferem diferentes lógicas de poder será o fio condutor de nossa proposta.

As margens remetem a outros conceitos, tais como interstícios, fronteiras. A reflexão sobre as margens como elaboração de um objeto de pesquisa antropológica questiona as categorias e categorizações: margens, marginalização, fronteiras, rural/urbano, público/privado nas cidades brasileiras, o que também sugere essa outra pergunta: com que abordagem metodológica estudar as margens? Que significa fazer etnografia nas margens das cidades e do Estado ?

This article aims to discuss the influence of margins in the process of urbanization of cities from some case studies in French Guiana, in northern Brazil (Macapa and Belem do Para) and Northeast (Recife-PE) placed in perspective with empirical work more recent developed in the metropolis of Rio de Janeiro, and an average city in the state of Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes. How to approach the cities through their margins, and as interfere different logics of power will be the main thread of our proposal. The margins refer to other concepts, such as interstices, borders. Reflecting on the margins as drafting a anthropological research object question categories and categorizations: margins, marginalization, border, rural / urban, public / private in Brazilian cities, which also suggests that other question: what methodological approach to study the margins? That means doing ethnography on the edges of cities and the state?

ÍNDICE

Palavras-chave: margens, fronteiras, cidade, poder, etnografia

Keywords: margins, borders, city, power, ethnography

AUTOR

CATERINE REGINENSI

creginensi@gmail.com

Doutora em sociologia pela Universidade de Paris VIII, livre-docente em Antropologia Urbana na Universidade de Toulouse, professora titular na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.